

DOENÇA TROPICAL

Em nove estados brasileiros onde o problema é comum, o ano de 2001 foi marcante. Houve uma queda de 42% no total de casos em relação a 2000

Edson Gés



MÁRIO RICARDO COSTA, PRESIDENTE DA FUNASA: "É O MAIOR ÍNDICE DE QUEDA DOS CASOS REGISTRADOS DA DOENÇA DOS ÚLTIMOS 40 ANOS"

Menos malária na Amazônia

Maria Vitória
 Da equipe do Correio

Paludismo, sezão, tremedeira e bateadeira são nomes populares para designar a malária e são bem conhecidos da família da dona de casa Dulcinéia Melo Rosa, de 55 anos. Viúva, ela e os cinco filhos adultos — quatro mulheres e um homem — moram na Vila Candelária, um bairro pobre de Porto Velho, capital de Rondônia, nas proximidades do rio Madeira. A região é infestada pelo mosquito *anófeles*, principal transmissor da malária.

Os cinco filhos de Dulcinéia já tiveram malária — não uma, mas várias durante a vida. "Todos os anos eles tinham essa doença que faz tremer o corpo todo", diz Dulcinéia. Este ano a história foi diferente: nenhum deles teve crise de paludismo. Nem o filho mais novo, Jefferson, de 27 anos, auxiliar de fotógrafo que, por causa do seu trabalho, está constantemente na mata, *habitat* natural do *anófeles*.

A família de Dulcinéia não foi a única que se livrou da doença em 2001 em Rondônia. Em toda a Amazônia Legal, que abrange nove estados onde a doença é uma endemia (um problema de saúde bastante comum) de difícil controle, os números são impressionantes. Levantamento da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) revela que nessa região a redução de doentes de malária foi de 42,31%, com a confirmação de 542,4 mil casos de janeiro a outubro de 2000 e 312,9 mil casos no mesmo período de 2001. "É o maior índice de queda de casos da doença registrado em 40 anos", afirma, satisfeito, Mauro Ricardo Costa, presidente da Funasa, responsável pelo controle e tratamento da malária e combatê ao mosquito transmissor.

O estado que mais reduziu os casos de malária desde 1999 foi o Amazonas, com queda de 74,85% nos registros. De janeiro a outubro de 1999, o estado

O CICLO DA INFECÇÃO

A malária é uma doença endêmica em nove estados da região Norte do país. É transmitida pelo mosquito *anófeles*, presente nas matas tropicais, principalmente naquelas onde ocorre desmatamentos

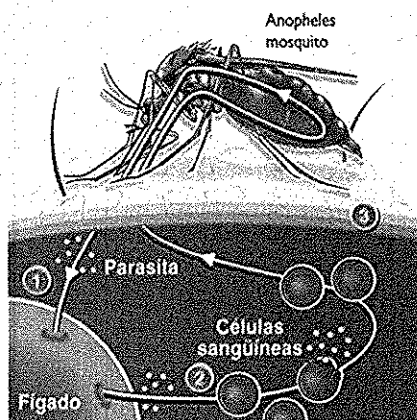
A TRANSMISSÃO

1 As fêmeas se alimentam do sangue humano. Elas picam pessoas contaminadas pela doença. Depois, ao enfiar o ferrão na pele de alguém sadio, injetam o parasita *Plasmodium*, que passa pela corrente sanguínea e vai ao fígado

2 O parasita se multiplica e começa a romper os glóbulos vermelhos (células sanguíneas) da vítima

3 Quando o parasita começa a romper as células sanguíneas, a pele da vítima passa a ficar amarelada. O doente sente febre alta, calafrios, tremores e dores por todo o corpo

4 A pessoa tanto pode conviver muito tempo com a doença sem dar sinais quanto apresentar quadros graves de outras complicações, como a insuficiência renal ou respiratória



PREVENÇÃO

Ainda não existe uma vacina que garanta imunidade absoluta. Para as pessoas que viajam para as áreas endêmicas, os médicos recomendam o uso de uma substância chamada cloroquina, capaz de amenizar os sintomas

Fonte: Reuters

CASOS DE MALÁRIA REGISTRADOS NA REGIÃO AMAZÔNICA

	1999	2000	2001
AC	18.360	19.416	6.526
AM	150.209	90.274	37.781
AP	19.930	27.806	21.621
MA	44.952	67.375	34.368
MT	10.950	11.767	5.926
PA	205.505	246.305	148.026
RO	51.750	47.056	43.987
RR	29.021	30.808	13.569
TO	1.845	1.591	1.099
TOTAL	532.522	542.398	312.903

teve 150,2 mil casos contra 37,7 mil no mesmo período de 2001 (leia tabela e gráficos abaixo). Rondônia, onde Dulcinéia e sua família moram, registrou 43,9 mil casos de malária de janeiro a outubro deste ano. A redução é de 6% em relação ao mesmo período do ano passado, quando foram registrados cerca de 47 mil casos. Em relação ao mesmo período de 1999, que teve 51,7 mil casos, a redução foi de 15%.

A malária no Brasil apresentou um crescimento acentuado nos últimos anos, registrando

632 mil casos em 1999. Desse total, 99,7% foram notificados na Amazônia Legal. "Se continuássemos nesse ritmo, o país registraria um milhão de casos da doença no ano 2000", afirma Costa. Diante da grave situação, o governo federal, por intermédio do Ministério da Saúde, lançou no mês de julho de 2000 o Programa de Intensificação das Ações contra a Malária (PIACM), em parceria com estados e municípios. A meta é chegar a uma redução de 50% no número de casos até 2002. Para alcançar o objetivo, no primeiro ano do

plano foram aplicados o R\$ 145,7 milhões, destinados ao treinamento de pessoal, aumento e reparação da rede de laboratório de diagnóstico da doença, compra de inseticidas e carros para as equipes de agentes de saúde.

BUSCA ATIVA

O epidemiologista José Lázaro de Brito Ladislau explica que 60% dos registros de malária têm origem em projetos de assentamento. "Os principais fatores para o crescimento da malária no país foram as agressões ambientais decorrentes da implantação de projetos de assentamentos, construção de estradas e usinas elétricas e execução sem controle de atividades extrativistas, além da ampla circulação da população contaminada e da migração de vetores (o mosquito) infectados", diz o médico, assessor da presidência da Funasa para o PIACM.

Ele destaca que um dos trunfos do plano é a busca ativa de casos da doença. Os agentes de saúde vão de casa em casa para verificar a saúde das pessoas que ali moram. Se encontram um doente de malária, oferecem-lhe tratamento em menos de 24 horas. "Essa tática quebra o elo da cadeia de transmissão da doença: o mosquito pica uma pessoa infectada e depois outra, transmitindo o parasita da malária", afirma Ladislau.

O infectologista Mauro Shugiro Tada, diretor do Centro de Pesquisa de Medicina Tropical de Rondônia (Cepem) concorda com Ladislau. Segundo ele, o plano não apresenta nenhuma fórmula mágica, mas o fator mais importante do seu sucesso é o envolvimento dos agentes de saúde, que vão em busca das pessoas infectadas. "Além disso, desta vez o governo mostrou vontade política para controlar a malária, liberando recursos para ampliação e melhoria da rede de diagnóstico", revela o médico de Rondônia.